

### 3.

## Articulações teóricas da pesquisa

Neste capítulo, apresentarei os elementos teóricos que estruturam meu trabalho: a co-construção de identidades (Ochs, 1988, 1990; Ochs e Schieffelin, 1989); a relação identidade, comunidade e pertencimento (Bauman, 2005; Woodward, 2000; Hall, 2000); a Análise da Conversa (Heritage e Atkinson, 1984), e a relação narrativa, identidade e discurso (Labov 1967, 1972; Linde, 1993; Tannen, 1989).

### 3.1. A co-construção de identidades

A linguagem fornece traços de quem as pessoas são, de suas identidades. Essas identidades são co-construídas no momento da interação, não sendo, portanto, algo dado *a priori*, refletindo realidades sociais e psicológicas. O processo de co-construção de identidades implica uma trama de negociações. Em diferentes ocasiões, tornam-se relevantes diferentes identidades.

As identidades sociais são construídas através do desempenho de tipos particulares de atos sociais e comportamentos (Ochs, 1990; Ochs e Schieffelin, 1989). Sendo assim, a relação entre linguagem e identidade social é mediada pela compreensão dos interlocutores de convenções sobre determinados atos sociais e posturas para a estruturação de identidades particulares (Ochs, 1988). Por isso, determinados atos e condutas estão associadas a identidades sociais particulares e seus significados são codificados pelas construções linguísticas.

#### 3.1.1. Identidade, comunidade e pertencimento

Segundo Bauman (2005), identidades rígidas, inegociáveis, não ocupam mais espaço na sociedade, pois “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente” (Bauman, 2005, p. 22). Agora, é perceptível que a identidade é fragmentada, não-definida e não-fixa, heterogênea e contraditória (Bauman, 2005).

Bauman (2005) postula que não é possível conceituar, em definitivo, questões de identidade. Não é possível “solidificar” o que se tornou “líquido”. Ou seja, é inadmissível querer reportar identidade como única e estável, já que ela é transitória assim como a “modernidade líquida”, que o autor define como sendo o mundo “repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (pp. 18-19). Acontece, no entanto, uma busca por uma identidade fixa, e esta procura surge da crise de pertencimento. Determinados grupos são escolhidos pelas pessoas para pertencer e para se sentirem incluídas em um “nós”, para confortar o “sentimento de nós” (Bauman, 2005).

(...) tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa (Bauman, 2005, pp. 17-18).

As pessoas buscam uma “comunidade de ideias e princípios”, mas dificilmente permanecem nesta comunidade com o passar do tempo e não mantêm uma coerência em relação ao que as distinguem como pessoas.

Bauman explora este sentimento, dizendo que as pessoas buscam ter uma identidade porque, assim, sentem-se incluídas e em segurança. Porém, o mesmo autor aponta dois aspectos importantes deste fato: tornar-se identificado é tornar-se sem alternativas, é estar fixo; da mesma forma que não ter uma posição fixa apresenta insegurança e ansiedade. Por isso, as pessoas estão sempre entre serem iguais e serem diferentes de outras pessoas.

Este estar deslocado é uma constante, por isso, segundo o autor, as pessoas sempre estão explicando, desculpando, escondendo, ostentando e negociando identidades.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos

manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (Bauman, 2005, p. 32).

Bauman diz que identidade não é como um quebra-cabeça, no qual existe um número de peças que formam um todo conhecido (uma imagem que foi dada a priori), no qual as peças têm um destino certo: completar o quebra-cabeça até chegar àquela imagem. Esta metáfora não ostenta a natureza da identidade, pois,

(...) nenhum desses meios auxiliares está disponível quando você compõe o que deve ser a sua identidade. Sim, há um monte de pecinhas na mesa que você espera poder juntar formando um todo significativo – mas a imagem que deverá aparecer ao fim do seu trabalho não é dada antecipadamente, de modo que você não pode ter certeza de ter todas as peças necessárias para montá-la, de haver selecionado as peças certas entre as que estão sobre a mesa, de as ter colocado no lugar adequado ou de que elas realmente se encaixam para formar a figura final (Bauman, 2005, p.55).

Neste sentido, a identidade é construída e desconstruída e, neste processo complexo,

(...) as pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude (...) (Bauman, 2005, p. 16-17).

Desse modo, as identidades estão sempre sendo construídas e desconstruídas por todos. Para dar conta dessa dinâmica, desse movimento, Woodward (2000) associa as relações de identidade com a linguagem, os símbolos e a construção social de ambos. Para ela, as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (Woodward, 2000, p.08)

Nesse sentido, Hall (2000) discute que os grupos sociais estão marcados por símbolos, tanto o grupo social que é excluído como o grupo social que é incluído estão marcados simbolicamente. Portanto, as identidades “emergem no interior do jogo de modalidades de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica” (Hall, 2000, p. 109).

Todas as pesquisas descritas aqui comungam de minha visão de identidade caracterizada como heterogênea, não-fixa, marcada pela relação com a linguagem, com símbolos e com o social. Assim, a identidade é construída e constituída na interação social, na negociação com o outro. A linguagem é entendida para que a identidade social seja pensada em relação à ação, portanto, privilegia a fala em interação.

### **3.2. Análise da Conversa Etnometodológica**

Nesta seção, pretendo apresentar os pressupostos da Análise da Conversa, ou, como vem sendo chamada mais recentemente pelos seus pesquisadores, *estudos de fala em interação*.

Do ponto de vista da Análise da Conversa, estuda-se a fala propriamente dita e não seus pensamentos, emoções ou experiências de vida, “que são assumidos como subjacentes à fala (e que podem ser expressos por meio dela)” (Osterman, 2006, p. 8). A fala é tratada como “uma forma de ação social, ou seja, como uma forma de fazer coisas no mundo (discordar, reclamar ou apresentar uma identidade em particular)” (p. 8).

Um pressuposto importante para a realização de pesquisas numa perspectiva da Análise da Conversa é analisar interações naturalísticas. A palavra “naturalística” indica que os dados não são experimentais ou gerados a partir de um roteiro prévio, mas que foram coletados no ambiente em que eles aconteceram.

Heritage e Atkinson (1984) corroboram essas afirmações ao asseverar que trabalhar com dados naturalísticos implica esclarecer que há a preocupação, com a não manipulação, seleção ou reconstrução dos dados baseados em noções pré-concebidas daquilo que é provável ou importante. Como bem colocam os autores:

O objetivo central de pesquisas em Análise da Conversa é a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas. Em sua forma mais básica, esse objetivo é descrever os procedimentos por meio dos quais os participantes produzem seus próprios comportamentos e entendimentos e por meio dos quais lidam com o comportamento dos outros. Uma concepção básica é a proposta de Garfinkel (1967, p. 1) de que essas atividades – produzir comportamento e entendimento e lidar com isso

– são realizadas como produtos de um conjunto de procedimentos passíveis de serem explicados (Heritage e Atkinson, 1984, p. 1).

A principal maneira de se obter dados naturalísticos é por meio de gravações de conversas dos participantes em áudio e/ou em vídeo. Não quero aqui afirmar que os dados gerados através dos moldes da Análise da Conversa são “puros” ou que não sofram nenhum tipo de influência durante sua coleta. O “paradoxo do observador” (Labov, 1974) está para a subjetividade inerente à condição humana e se torna parte inexorável do cotidiano do pesquisador que almeja sair a campo para trabalhar com seres humanos.

As entrevistas de meu estudo, apesar de não corresponderem a uma fala natural, foram híbridas: ora com estruturas pergunta-resposta, ora com estruturas mais espontâneas, em co-construção entre minha participação como pesquisadora, Custódia e as mulheres das famílias entrevistadas.

Outro procedimento imprescindível em pesquisas que se utilizam da Análise da Conversa é a transcrição dos dados, que não é um mero procedimento que transforma um texto oral em documento escrito, visto que ela obedece a uma série de convenções que sinalizam os diferentes aspectos que permeiam uma determinada conversa (ou trecho de conversa) naquela hora e naquele local.

Alguns dos aspectos que frequentemente são marcados nessas transcrições são: sobreposição de falas, entonação ascendente ou descendente, falas coladas (quando um participante começa a falar imediatamente após outro ter cessado sua fala), palavras proferidas de forma incompleta, aspiração ou expiração de ar durante a fala, entre outras que se mostrarem relevantes.

As transcrições feitas depois (da gravação de uma interação) são utilizadas como uma forma conveniente para representar o material gravado de forma escrita, mas certamente não como uma possível substituição desse material (Psathas e Anderson, 1990). Isso equivale a dizer que o material transcrito é um recurso que possibilita, inclusive, que outros pesquisadores tenham acesso aos dados da forma “mais realística” possível. No entanto, a análise do pesquisador dever ser, primordialmente, feita com base no material que constitui a gênese de qualquer estudo que se encontra ancorado nos preceitos metodológicos da Análise da Conversa, isto é, a gravação em áudio e/ou em vídeo da conversa ou do extrato a ser analisado. Tornar a “matéria prima” das pesquisas em Análise da Conversa

disponível para que outros pesquisadores possam fazer suas próprias análises é uma prática esperada entre os pesquisadores que se utilizam da Análise da Conversa. Essa prática, aliás, é um dos incrementos metodológicos que a transcrição dos dados (da maneira como ela é feita) oferece em termos de possíveis e necessários debates acadêmicos. Ao se depararem com as análises apresentadas, os pesquisadores têm a oportunidade de “voltar aos dados” sobre os quais uma determinada asserção foi feita e chegar a suas próprias conclusões (que podem coincidir ou não com a análise previamente feita), sem precisar tomar a análise apresentada como única.

Meu estudo é influenciado pela Análise da Conversa, basicamente, em dois aspectos. O primeiro deles é considerar os turnos da entrevista, como neles são trazidos e negociados os sentidos. A perspectiva de realização de uma atividade conta com uma estrutura e sequências estruturais da atividade que servem de base para a análise. O discurso é dividido em unidades sequenciais, em que um turno só pode ser entendido frente aos outros turnos que o irão contextualizar. A Análise da Conversa entende que o contexto não está ao redor, mas sim constituído pela própria interação, inserindo-se, assim, na atividade e constituindo-se na fonte de inferências para os participantes.

O segundo aspecto é a apresentação na íntegra da transcrição. Espero com isso a melhor compreensão do leitor sobre minha análise, bem como a possibilidade de realizar a sua.

### **3.2.1. Análise de Categorias de Pertença**

A Análise de Categorias de Pertença é uma abordagem analítica desenvolvida por Sacks em 1963 e 1964, cuja referência está na Análise da Conversa. Os dois métodos contribuem para redimensionar o evento da fala em interação como lócus privilegiado de negociação da vida social. Para Sacks, os falantes se compreendem porque a organização social é observável dentro das estruturas das conversas.

Objetivando expor os dispositivos ou os métodos com as quais são produzidas, Sacks (1992) procura entender quando e como os membros fazem descrições. Esses dispositivos que operam nos bastidores da ação de categorizar, da mesma forma como operam na ação de falar, remetem à idéia de maquinaria e

constituem uma espécie de matriz geradora que possibilita aos membros fazerem descrições. Stokoe (2003) lembra que os recursos dos quais as pessoas dispõem para fazer uso das categorizações são estabelecidos culturalmente, reiterando que, através da microanálise da fala em interação é possível compreender com mais clareza a ordem social (Sacks, 1992).

Categorizar, segundo Seel e Ostermann (2009), não significa “etiquetar” pessoas ou si mesmo. Trata-se de uma atividade em que “os falantes negociam, em mútua orientação, comportamentos normativos e expectativas de gênero” (p. 12). Essa atividade, no entanto, é volátil, pois os falantes se orientam para os diferentes contextos atentos ao que julgam que é esperado delas ao produzirem suas falas e performances.

(...) A escolha de alguns aspectos (e não de outros) por algum falante revela aquilo que quer, circunstancialmente, tornar relevante. Por isso, ao descrever alguém e colocar essa descrição em negociação, o falante pode estar dando pistas de si mesmo, pois expõe seu modo de ver o mundo e as pessoas (Seel e Ostermann, 2009, p. 15).

### **3.3. Narrativa, identidade e discurso**

Neste trabalho, considero a narrativa como lugar de emergência das construções identitárias dos sujeitos envolvidos no contexto da entrevista de pesquisa. É por meio dela que as pessoas revelam para os outros quem são e como percebem o mundo.

O estudo da narrativa vem conquistando importância à medida que cresce a consciência do papel que o ato de contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais, tornando familiares acontecimentos e sentimentos que confrontam a rotina (Jovchelovitch & Bauer, 2003). Santos (2007) afirma que, ao narrar histórias, os indivíduos utilizam a narrativa não apenas para construir e reconstruir um evento passado, mas que elas sejam interpretadas de acordo com as suas representações. As histórias são narradas de forma que se adéquem a um determinado objetivo.

Ao longo das entrevistas, como destacarei na análise dos dados, ocorrem também narrativas labovianas, que são definidas estruturalmente. Dentro dos estudos da linguagem, os trabalhos de Labov (1967, 1972) postulam que a

narrativa é um método de recapitular as experiências passadas e se caracteriza por sua estrutura organizada em uma sequência temporal, por ter um ponto e por ser contável.

A razão de ser da narrativa, o motivo pela qual está sendo contada e sua mensagem central, é chamada de ponto. Além de ter um ponto, ela precisa ser contável. Labov postula que a narrativa precisa ter credibilidade. Para isso, o narrador precisa equilibrar a reportabilidade da estória ou oferecer evidências que dêem credibilidade ao que é reportado.

Para o autor, a narrativa tem duas funções elementares: a de referência e a de avaliação. A primeira surge na transmissão de informações que se encontram na narrativa. A avaliação, por sua vez, transmite ao ouvinte o porquê da narrativa ter sido contada. É nela que o falante explicita a importância da estória e emite seu juízo de valor.

Linde (1993) destaca também que a narrativa é um dos mais importantes recursos sociais para a criação e a manutenção das identidades: ao se construir para o interlocutor, o narrador revela elementos constitutivos do todo de sua identidade. Para essa estudiosa, o narrador está construindo sua identidade social ao se posicionar diante de seu interlocutor e dos personagens que habitam suas narrativas.

Outro aspecto apontado por Linde (1993) a respeito da narrativa é a multiplicidade de relações estabelecidas por meio das narrativas. De acordo com a autora, o narrador mantém relação com os personagens que integram o mundo da narrativa ao contar uma estória repetidas vezes. Podem ser estabelecidas diversas relações como o narrador com o interlocutor, o narrador com os personagens da narrativa, a relação entre os personagens da narrativa, a relação do interlocutor com os personagens da narrativa e a relação do interlocutor com a narrativa.

É importante salientar que as narrativas são, necessariamente, co-construídas, ou seja, “toda narrativa integra uma construção dialógica, em que se tornam salientes os traços de ‘apoio’ que o interlocutor fornece ao contador da estória” (Ribeiro, 1996). Esses traços seriam os sinais de retroalimentação, sinais de ratificação, pedidos de esclarecimento etc.

A partir das ferramentas apresentadas neste capítulo, analisarei os dados coletados, segundo a metodologia que será apresentada no capítulo a seguir.